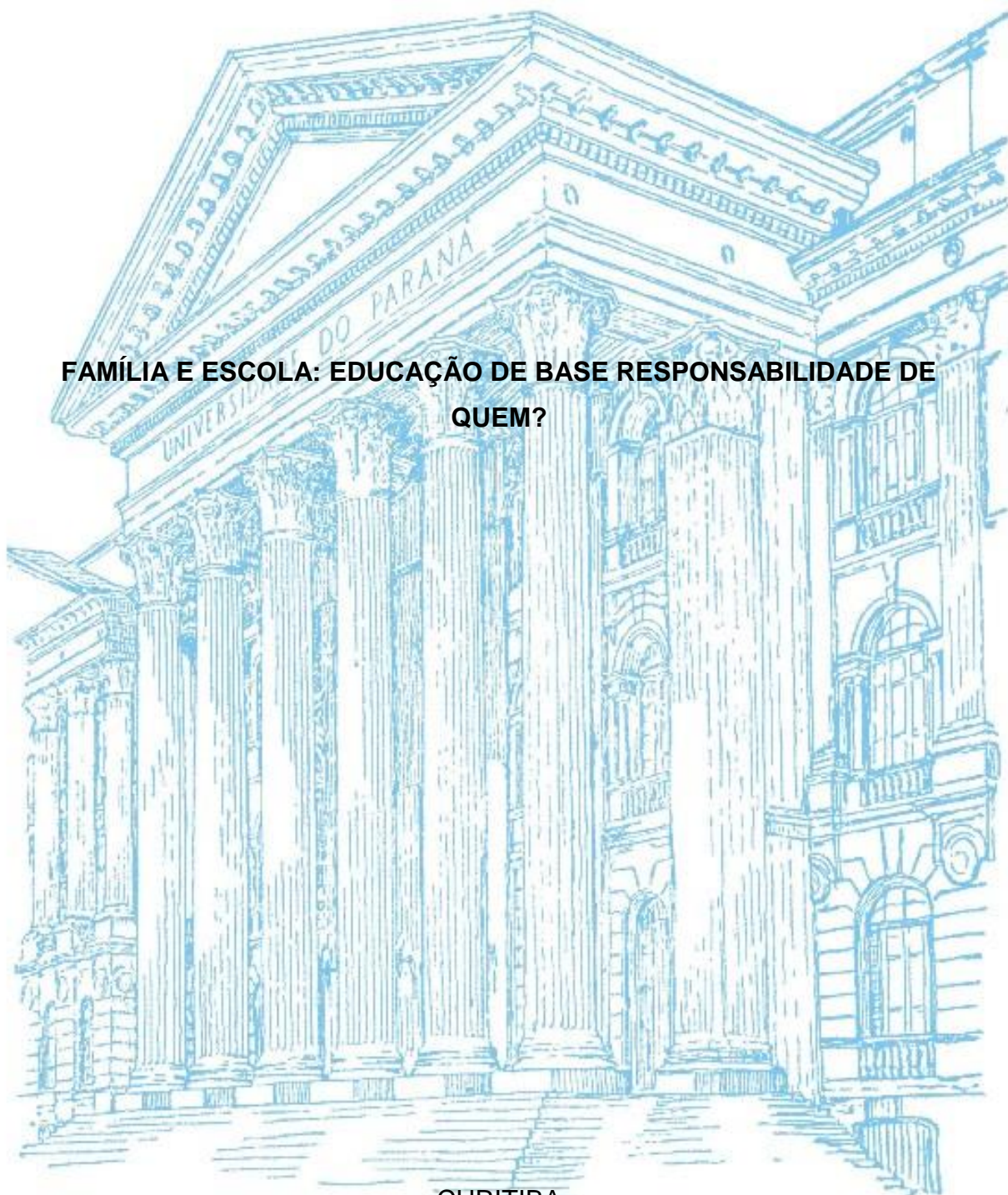


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

INDIANARA MARIA HILÁRIO

**FAMÍLIA E ESCOLA: EDUCAÇÃO DE BASE RESPONSABILIDADE DE  
QUEM?**



CURITIBA  
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

INDIANARA MARIA HILÁRIO

**FAMÍLIA E ESCOLA: EDUCAÇÃO DE BASE RESPONSABILIDADE DE QUEM?**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Professor Me. Adilson Luiz Tiecher

CURITIBA  
2016

## **Família e escola: educação de base responsabilidade de quem?**

Indianara Maria Hilário\*

### **RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo demonstrar a importância da família na vida escolar da criança visando às implicações da diversidade e/ou omissão familiar no desenvolvimento e aprendizagem, num enfoque da educação de base. Para tanto, pautou-se numa pesquisa bibliográfica, através da análise e fichamento de livros, periódicos, no sentido de confrontar teorias diferentes para uma melhor compreensão do tema. Concluiu-se que entre a família e a escola se tem um objeto comum: que é estabelecer melhores condições para favorecer o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. Isso requer atuações específicas de qualidade da família e Município, representada na figura da escola que devem cumprir o seu papel; a família de proporcionar educação para os filhos e a escola garantir o acesso e qualidade na transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados.

Palavras-chave: Família. Escola. Criança. Responsabilidade. Educação.

## **1 INTRODUÇÃO**

De acordo com a tradição, o sucesso e o fracasso escolar estão intrinsecamente relacionados à escola e a família. A formação do indivíduo autônomo deve ser o foco entre família e escola para um trabalho educativo de sucesso.

A educação é muito importante na vida de uma criança, sem dúvida é o alicerce para um futuro promissor. A demonstração de interesse pela vida escolar dos filhos é parte fundamental em seu processo de aprendizagem. Ao perceber que pais e família se interessam por seus estudos e por suas experiências escolares a criança sente-se valorizada, desenvolvendo-se de forma segura e com boa autoestima.

---

\* Artigo produzido pela aluna Indianara Maria Hilário, do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação do professor Me. Adilson Luiz Tiecher. E-mail: indianarahilari@hotmail.com

Compreendendo que o sujeito aprende todo o tempo, nas variadas situações que a vida apresenta, a presença da família é de primordial importância, pois será ela que determinará o destino que os filhos deverão seguir, considerando o tipo de escola que deverão frequentar e os saberes que necessitarão aprender e que determinarão seu futuro.

Neste contexto, a escola tem o dever de desenvolver não apenas as competências e habilidades cognitivas, mas também as habilidades de convivência social, pois a escola faz parte do processo de formação da identidade do cidadão, de sua capacidade crítica e de sua autonomia, sendo indispensável a participação da família em todo esse processo.

Para a formação plena do indivíduo, é importante que a família e a escola estejam juntas na tarefa de educar o cidadão para o futuro, promovendo a autoconfiança, um ser crítico, sua socialização e o respeito mútuo dentro da sociedade em que vive. Para tanto, se faz necessário questionar. Qual a importância da família na vida escolar da criança?

Nessa perspectiva, a presente pesquisa justifica-se à medida que busca aprofundar conhecimentos acerca da importância da família na vida escolar da criança e as implicações que a diversidade existente hoje pode gerar no desenvolvimento integral desta.

Assim, a presente investigação tem como objetivo demonstrar a importância da família na vida escolar da criança.

## **2 O PRIMEIRO GRUPO SOCIAL: FAMÍLIA**

Desde que nasce o indivíduo se relaciona com grupos sociais que são responsáveis pela sua formação humana, pelo desenvolvimento da linguagem e da afetividade e por ensinar-lhe valores culturais e sociais. Mesmo sem vontade própria a criança já nasce dentro de um grupo: o grupo familiar. A família contribui na formação dos referenciais afetivos, culturais, linguísticos, psicossociais que o indivíduo terá no decorrer da vida.

Na família o indivíduo aprende normas e valores sociais que influenciam na formação de sua personalidade, caráter e identidade social. Assim, cada pessoa cria a necessidade da vivência e dos referenciais grupais, sociais e culturais no seu processo de humanização. “A vida em grupo pode ser considerada como o lado “prático” de nossa vida. [...] esse lado prático da vida é determinado

por uma instância social que dá conteúdo aos grupos a que pertencemos. [...] o que reúne esse grupo é uma determinada necessidade social". (BOCK et. al., 1993, p. 237).

Como a família é o primeiro grupo social em que o indivíduo convive, ela acaba por representar um universo afetivo e educativo. Assim, a família contribui para que o indivíduo se aproprie da linguagem, de formas de demonstrar sua afetividade, moldando a sua personalidade e a maneira como o mesmo irá estabelecer as relações interpessoais com outros grupos sociais mais amplos, como a escola e a igreja por exemplos.

A história de vida do indivíduo é a história de pertencer a inúmeros grupos sociais. É através dos grupos que as características sociais mais amplas agem sobre o ser humano. É no grupo familiar que ele aprenderá a língua de sua nação. A partir daí, este aprendizado possibilitará seu ingresso em outros grupos sociais e sua participação nas determinações que agem sobre ele. Essas relações sociais ocorrem, inicialmente, no grupo familiar, um estágio de preparação para participar, mais adiante, das relações sociais mais amplas. A preparação do indivíduo significa, ao longo de sua existência, que ele irá internalizar, apropriar-se da realidade objetiva, e esta será fundamental na sua formação psíquica, um processo em permanente construção. Ao nascer, o homem entra num cenário construído sem a sua participação. É o mundo social, a realidade objetiva, formada por um modo de organização política, econômica e jurídica da sociedade, de uma cultura produto da construção humana. (ALEXANDRE, 2002, p. 209).

A família contribui então para regular a forma como o indivíduo irá se comportar na relação com outros grupos, mais amplos e mais complexos. Ela exerce uma influência tão grande no desenvolvimento da pessoa que, mesmo quando se distancia dela, o indivíduo recorre aos valores familiares para tomar decisões e orientar sua vida, seja reproduzindo os valores ou criando novos e diferentes dos que recebeu no seio da família.

A primeira vivência do ser humano acontece em família, independentemente de sua vontade ou da constituição desta. É a família que lhe dá nome e sobrenome, que determina sua estratificação social, que lhe concede o biótipo específico de sua raça, e que o faz sentir ou não, membro aceito pela mesma. Portanto, a família é o primeiro espaço para a formação psíquica, moral, social e espiritual da criança. (SOUSA, 2012, p. 5).

Considerando isso, o pertencimento a uma determinada família significa muito mais do que ter a referência de sobrenome ou de características físicas específicas, significa ter referenciais de valores, de cultura, de linguagem e de

condições especificamente humanas que contribuirão para a inserção no meio social mais amplo, como é o caso da escola e do trabalho, por exemplo.

A família representa o espaço de socialização, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência, local para o exercício da cidadania, possibilidade para o desenvolvimento individual e grupal de seus membros, independentemente dos arranjos apresentados ou das novas estruturas que vêm se formando. Sua dinâmica é própria, afetada tanto pelo desenvolvimento de seu ciclo vital, como pelas políticas econômicas e sociais [...]. Ela é um dos principais contextos de socialização dos indivíduos e, portanto, possui um papel fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano, que por sua vez é um processo em constante transformação, sendo multideterminado por fatores próprios do indivíduo e por aspectos mais amplos do contexto social no qual estão inseridos. (VALLE, 2009, p. 121-122).

A sociedade se organiza em grupos com valores, características e objetivos específicos. No caso da família, tais especificidades não são apenas relacionadas aos aspectos físicos e vínculos afetivos, mas configuram-se em elementos para a perpetuação ou a manutenção da cultura.

Pertencer a uma determinada família implica não apenas uma condição biológica, mas psicossocial e cultural que influencia na organização e na manutenção dos demais grupos sociais que o indivíduo irá interagir no decorrer da vida. A família contribui então para interações sociais e a formação da subjetividade, do autoconceito, da personalidade e da sua representação social mais ampla. Neste “a família é um grupo basilar que promove essa interação e, portanto, uma instância produtora da subjetividade dos indivíduos”. (BOCK et al., 1993, p. 238).

Deste modo, pode-se dizer que a família, assim como a escola, tem uma importante função social que colabora para suprir as necessidades socioculturais. Ela tanto pode colaborar com a manutenção e a reprodução do *status quo*, como engendrar mudanças atitudinais e ideológicas para a transformação da realidade. A família cria, assume e transmite normas sociais e éticas, “padrões de conduta”, valores morais.

As normas sociais facilitam a vida dos membros de um grupo. Elas não são necessariamente explícitas, mas partilhadas, conhecidas e seguidas pelos integrantes do grupo. Geralmente, quem não aceita as normas é isolado pelos demais participantes do grupo. O convívio em sociedade necessita da existência de normas sociais. (ALEXANDRE, 2002, p. 214).

É na família que se deve garantir o provimento das crianças para que elas futuramente exerçam atividades produtivas para a própria sociedade. A família tem a responsabilidade de educar as crianças para que elas tenham valores compatíveis com a cultura em que vivem. Estes dois aspectos são tão importantes no papel da família que, embora as transformações socioculturais e históricas colaborem para que se formem novos arranjos familiares, o papel socializador e educador da família ainda é muito evidenciado.

Como a família contribui então para a formação do autoconceito e da identidade social da criança, ela também influencia no processo de como esta criança irá interagir com outros grupos sociais, como é o caso da escola. O conceito inicial de que a criança tem do universo escolar é, em muitos casos, determinado pela visão de mundo da família.

## 2.1 CONCEITO DE FAMÍLIA

Pode-se definir família como um conjunto de parentes por consanguinidade ou por afinidade; descendência, linhagem, estirpe: conjunto de pessoas da mesma seita, fé, sistema, profissão e etc. Esse é o significado de família o qual o dicionário Aurélio nos mostra. É notório que, no ambiente familiar as pessoas também se unem por amor, situação financeira e pela sobrevivência (REIS, 2010).

A família sempre nos foi apresentada como instância formadora e socializadora da criança. Nobre (1987) conceitua a família dizendo que ela pode também ser considerada como:

[...] um sistema aberto em permanente interação com seu meio ambiente interno e/ou externo, organizado de maneira estável, não rígida, em função de suas necessidades básicas e de um *modus peculiar* e compartilhado de ler e ordenar a realidade, construindo uma história e tecendo um conjunto de códigos (normas de convivência, regras ou acordos relacionais, crenças ou mitos familiares) que lhe dão singularidade (NOBRE, 1987, p. 118-119).

A família é a responsável pelos cuidados físicos, pelo desenvolvimento psicológico, emocional, moral e cultural da criança na sociedade, desde o seu nascimento. Com isso, através dos primeiros contatos com a família a criança supre suas necessidades e inicia a construção dos seus esquemas

perceptuais, motores, cognitivos, linguísticos e afetivos. Também é a partir da família que a criança estabelece ligações emocionais para o estabelecimento de uma socialização adequada. (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008).

O ser humano vive num constante processo de socialização com o meio e com outros indivíduos. Desde que nasce ele estabelece relações afetivas e sociais com um grupo de pessoas específicas: o grupo familiar. “A origem da família está diretamente ligada à história da civilização, uma vez que surgiu como um fenômeno natural, fruto da necessidade do ser humano em estabelecer relações afetivas de forma estável” (NORONHA, s.d., p. 30).

Deste modo, as características que garantem ao indivíduo o seu pertencimento ao grupo familiar não são determinadas apenas por características biogenéticas, mas por valores sociais e culturais. Família não significa apenas pertencer ao mesmo grupo consanguíneo, mas ter uma relação afetiva e social com um grupo de pessoas que os ensinarão conhecimentos, linguagem, normas de conduta, valores éticos e morais, colaborando para a formação do caráter e da personalidade do indivíduo.

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. Se as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio são com ela disputadas por outros grupos sociais, a família na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente chamada materna. Com isso, ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico (LACAN, 1987, p. 13).

Nesse sentido, pode-se afirmar então que a educação primária dada pela família é responsável pela conduta que a criança terá no desempenho dos seus papéis sociais, na formação do seu autoconceito, no respeito às normas e valores socioculturais e na maneira com que ela irá se comportar em ambientes mais complexos e amplos – como é o caso da escola, da igreja, do trabalho, etc.

Embora se tenha claro a importância da família na vida em sociedade no sentido de garantia de uma vivência física, emocional e afetiva saudável do indivíduo, os arranjos familiares se transformam no decorrer da história. Os papéis desempenhados pelos integrantes da família se tornam cada vez mais complexos.



A complexidade da conformação dos arranjos familiares se amplia, ainda mais, porque nenhum desses aspectos se define isoladamente. A regulação da sexualidade por parte do Estado e a ordem sexual que se concretiza com a institucionalização e valorização do casamento monogâmico, por exemplo, atuam conjuntamente com os padrões nas relações de trabalho e seu impacto na organização da vida doméstica. As formas de exclusão e de marginalização que definem as oportunidades no mundo do trabalho, por sua vez, têm consequências diretas nas escolhas feitas pelos indivíduos na vida pessoal (BIROLI, 2014, p. 7-8).

Neste sentido, é importante acentuar que os arranjos familiares são determinados por questões socioeconômicas e culturais que influenciam diretamente na formação da “célula *master* da sociedade” (CASTRO, 2000, p.5) e nos valores por ela perpetuados e transmitidos. Assim, as condições socioeconômicas e culturais determinam a forma como a família deve organizar-se para cumprir seu papel social e como irá educar as futuras gerações.

No passado, cabia ao homem garantir as condições materiais de sustento da família e a mulher à responsabilidade de educar as crianças, transmitindo a elas valores e tradições culturais. “No Brasil do século XIX, o ideal burguês de retidão e probidade se fundava em um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo” (D’INCAO, 2000, p. 223).

Contudo, com as transformações socioeconômicas e culturais, a mulher teve que entrar no mercado de trabalho, o que fez com que a educação destinada aos filhos ficasse sob a responsabilidade de outras pessoas e/ou instituições sociais, como é o caso da escola.

A família é o grupo social responsável pela repressão dos desejos e pela aquisição da linguagem. Independente do arranjo familiar como ela é constituída, o que a sociedade espera da família é que ela contribua para reprimir comportamentos individualistas, violentos e destrutivos da vida e da própria sociedade.

As crianças precisam sentir que pertencem a uma família. Sabemos que a família é a base para qualquer ser, não referimos aqui somente família de sangue, mas também famílias construídas através de laços de afeto. Família, no sentido mais amplo, é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construírem algo e de se complementarem. É através

dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, aprendendo a viver o jogo da afetividade de maneira adequada (TIBA, 2002).

Como desempenha um importante papel repressor de interesses individualistas, a família é “controlada para controlar”. Em outras palavras, as normas sociais vigentes determinam que a família tenha uma importância fundamental não apenas no desenvolvimento afetivo da criança, mas na formação do seu caráter.

## 2.2A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

Conforme afirmado anteriormente, a família tem um papel fundamental no desenvolvimento integral da criança, seja pelos aspectos físico-biológicos, seja pelos aspectos neuropsicossociais e culturais. É no seio familiar que a criança se apropria da linguagem, desenvolve laços afetivos, se identifica enquanto ser humano, desenvolve valores sociais e culturais e aprende a conviver em espaços mais complexos e dinâmicos da vida em sociedade.

No ambiente familiar a criança vivencia suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer, amor, bem como experimenta tristeza, brigas, ciúmes, medo, ódio. Mas se a família estiver aberta ao diálogo, ao perdão, esses desencontros podem ser superados, o que será importante para o desenvolvimento do indivíduo, preparando-o adequadamente para a sua inclusão social. Nenhuma família vive num “mar de rosas” e muito menos a sociedade, portanto, é preciso saber contornar e superar situações do/no cotidiano (SADOVNIK et. al., 2013, p. 84).

Na família a criança desenvolve-se fisicamente, psiquicamente e afetivamente. Crescer em um “ambiente saudável”, estimulador, acolhedor e afetivamente estruturado, contribui para que a criança sinta-se aceita, estimulada e acolhida em suas necessidades materiais e afetivas. Deste modo, a família representa “um porto seguro” onde a criança ancora suas dúvidas, medos, angústias, mágoas, e tristezas. Mas também onde celebram suas conquistas, aprendizagens, perspectivas materiais e afetivas.

O ambiente familiar é o reflexo de convivência entre os membros, pois se este for um ambiente tranquilo, de afeto, carinho fará com que a criança se sinta segura para enfrentar os novos desafios

encontrados na sociedade. Se este ambiente for negativo, vazio, com conflitos, acarretará problemas que acabarão sendo levados para a escola e ficará mais difícil contê-los ou mudá-los devido à dimensão e à complexidade dos seres que atuam e dividem esse espaço. A família é grupo social expressivo onde fluem grandes emoções, afetos, sentimentos, que se vivenciados com base na compreensão e no diálogo e na sensibilidade, maior será a probabilidade de um lar feliz, saudável, com interações positivas, que certamente possibilitará à criança entendimento e ajuste aos diferentes ambientes de que participa. O apoio da família envolve fatores cognitivos, emocionais e sociais, os quais permitem à criança uma visão mais crítica para enfrentar as situações cotidianas (SADOVNIK; ECCO; NOGARO, 2013, p. 87).

Assim sendo, as relações familiares (afetivas, psicológicas, culturais e materiais) influenciam na formação do autoconceito do indivíduo e na forma com que ele irá se relacionar e agir em seu meio social. A família contribui para que o sujeito tenha maior ou menor potencialidade para enfrentar desafios, frustrações, instabilidades emocionais e/ou materiais.

Além disso, no processo de desenvolvimento integral da criança a família tem um papel fundamental: o de educar. Conforme estabelece o art. 205 da Constituição Federal de 1988:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.121).

Colaborando com estes preceitos legais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB), a Lei n. 9.394/96, em seu art. 2º determina que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, p. 01).

Percebe-se então que, de acordo com a legislação vigente, a família é a primeira instituição social responsável pela educação da criança, posteriormente ampliando-se esta responsabilidade ao Estado e a sociedade. Mas, além da família a escola também tem um papel extremamente relevante na formação integral da criança.

A educação ocorre na relação entre as pessoas, ensinar e aprender faz parte da cultura do ser humano. Antes do surgimento da escola a educação era tarefa de todos os membros do grupo. Ensinar e aprender eram acontecimentos naturais e espontâneos que aconteciam através da troca de experiências e pela convivência. Quando surgiu a escola, o processo de ensinar e aprender adquiriu caráter formal, vinculado à pedagogia, dando início a um processo transformador sob a responsabilidade exclusiva dos educadores. Assim, os primeiros passos educativos surgidos no seio da família passaram a sofrer a intervenção da escola e o processo de aprendizagem se tornou parte da história familiar e escolar (BRANDÃO, 2007 *apud* SADOVNIK; ECCO; NOGARO, 2013, p. 86).

Salienta-se então que tanto a família quanto a escola tem interesses em comum no sentido de educar as novas gerações para a vida em sociedade e o mundo do trabalho. O problema é que estes interesses nem sempre comungam das mesmas estratégias. Muitas vezes as ações da família e da escola na educação das crianças são contraditórias, o que acaba por dificultar a sua aprendizagem e formação integral.

Há muito tempo discute-se sobre a influência da família na educação, no comportamento na formação da criança. A família é o primeiro grupo social em que esta começa a interagir, aprender e onde busca as primeiras referências no que diz respeito aos valores culturais, emocionais, etc. Ela interfere no desenvolvimento e no bom estar de todos os seus membros. Assim como a família, a escola é responsável por fazer a mediação entre o indivíduo e a sociedade (BOCK, 1999).

## 2.3 IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM E COMPORTAMENTO

O desenvolvimento integral da criança parte da boa interação entre a família e a escola, para tanto o diálogo torna-se fundamental. A escola, assim como a família, a igreja e as outras instituições sociais colaboram sim para a promoção da saúde mental do indivíduo e/ou para que ele tenha valores deturpados e tenha muita dificuldade na interação e integração com a sociedade.

Destaca-se então que, apesar dos seus importantes papéis na formação plena do indivíduo, nem sempre a escola e a família são ambientes em que a criança possa se desenvolver de maneira saudável. Existem casos que a própria família coloca a criança em situação de vulnerabilidade social,

submetendo-a a violência doméstica, a pressões psicológicas, a abusos sexuais, a exploração do trabalho infantil, a drogadição, entre outras coisas.

No Brasil, a violência exercida por pais ou responsáveis contra suas crianças e adolescentes é considerada pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública de grande expressividade e que tem gerado preocupações naqueles que, em função das atividades que exercem, deparam-se cotidianamente com seus efeitos e consequências (FERREIRA, 2002, *apud* SADOVNIK; ECCO; NOGARO, 2013, p. 86).

Infelizmente não é apenas a família que pode promover um ambiente doentio e destrutivo da criança, prejudicando a sua aprendizagem e o seu pleno desenvolvimento. Também a escola pode se constituir em um “cárcere social” que limita as potencialidades da criança. Isso acontece quando a escola adota uma postura muito autoritária perante os seus alunos, não promovendo condições para o diálogo, para a valorização social e individual; quando as relações interpessoais são muito difíceis; quando acontecem situações de violência física ou psíquica, como é o caso do *bullying*; quando o ambiente e as pessoas são pouco acolhedoras e/ou quando os valores promovidos pela escola são muito diferentes dos da família.

Por isso, as instituições família-escola precisam responsabilizar-se pela criação e formação dos filhos-alunos no sentido de educá-los, prepará-los para agir com responsabilidade e segurança, o que é uma tarefa desafiadora, exigente, mas ao mesmo tempo gratificante, considerando que o ser humano aprende o tempo todo, em diferentes situações e contextos. É na família e na escola que se decide desde cedo o que a criança precisa aprender para tomar decisões conscientes, que a ajudarão no futuro (SADOVNIK; ECCO; NOGARO, 2013, p. 88).

A escola é “palco de socialização, [...] em que as crianças vão vivenciar toda uma gama de emoções, como amizade, solidariedade, rivalidade, ciúmes, competitividade, inveja, entre outros” (GALLO; ALENCAR, 2015, p. 161). Por isso, na escola devem-se desenvolver “relações de respeito, reciprocidade, conduta moral e ética, sentimento de pertencimento, bem como fortalecer o sentimento de identidade e autoestima [...]” (GALLO; ALENCAR, 2015, p. 161).

Neste sentido, crescer em ambientes saudáveis e que estimulem o desenvolvimento integral de suas potencialidades e a sua aprendizagem, implica em garantir que tenha todos os seus direitos assegurados, dos quais



podem ser destacados: alimentação, educação, saúde, lazer, amor, cuidado, proteção e segurança.

Além disso, a garantia da aprendizagem da criança passa também pela limitação de suas vontades individuais. Tanto a família quanto a escola precisam ensinar as crianças a ter limites, respeitar as diferenças e a cumprir regras. Somente assim elas crescerão com condições de compreender e respeitar leis, tornando-se então cidadãos responsáveis, éticos e comprometidos com a sociedade. Percebe-se que a falta de limites da criança colabora para a indisciplina escolar e para que ela seja resistente para respeitar regras, colegas e professores. Por isso, é importante acentuar que:

A família e escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, marcos de referência existencial. Quanto maior a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação do sujeito. A participação dos pais na educação dos filhos deve ser constante e consciente, pois não devem ajudá-los somente por obrigação na condição de pais e sim porque é de fundamental importância como seres humanos. [...] A participação da família na vida escolar da criança é fundamental, pois quando há um incentivo, acompanhamento escolar, dá a criança o sentimento de segurança, de se sentir importante, de criar expectativas em relação ao futuro social da criança (SADOVNIK; ECCO; NOGARO, 2013, p. 88).

Assim, novamente reforça-se a importância do diálogo permanente entre a escola e a família, fazendo com que os valores ensinados e desenvolvidos sejam promotores do desenvolvimento integral da criança.

### **3 RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA**

Ter consciência da importância da educação é estabelecer um canal de comunicação com as famílias, para criar confiança entre pais e escola. Segundo Moraes (1997, p. 209), “a paz e a solidariedade, harmonia é algo que se aprende sim na escola, e a escola é profundamente responsável por isso, não através de conteúdos que ela cria para pessoas e principalmente para as crianças”.

Teoricamente, a família teria responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são pra sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados a instituição de ensino que frequentam (TIBA, 1996, p. 111).

Conforme Weil (1960, p. 29), “a criança necessita imperiosamente, de proteção e atenção. Existem pais que, por incrível que pareça se recusam sistematicamente a dar qualquer desses alimentos psicológicos indispensáveis ao crescimento harmonioso dos filhos”.

A este respeito, Dessen e Polonia (2007) dizem que:

É importante ressaltar que a família e a escola são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humana que podem funcionar como propulsores ou inibidores dele. Estudar as relações em cada contexto e entre eles constitui fonte importante de informação, na medida em que permite identificar aspectos ou condições que geram conflitos e ruídos nas comunicações e, conseqüentemente, nos padrões de colaboração entre eles. Nesta direção, é importante observar como a escola e, especificamente, os professores empregam as experiências que os alunos tem em casa. Face à leitura, é muito importante que a escola conheça e saiba como utilizar as experiências de casa para gerir as competências imprescindíveis ao letramento. A interpretação de textos ou a escrita podem ser estimuladas pelos conhecimentos oriundos de outros contextos, servindo de auxílio à aprendizagem formal (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 27).

Pois escola não educa o filho e nem a família transmite o conhecimento científico acumulado para o aluno, logo tem que haver uma cumplicidade das partes para esse aprendizado ser o mais completo possível.

Freire (2000, p. 25) lembra que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Na vida, a todo o momento, estamos aprendendo e sem perceber também ensinamos. Na vida escolar e durante seu desenvolvimento, a criança está em constante aprendizado, e transmite seus conhecimentos tanto dentro da sala de aula como no meio familiar.

Assim, hoje existe cada vez mais a necessidade de a escola estar em perfeita sintonia com a família. A escola é uma instituição que complementa a família e juntas tornam-se lugares agradáveis para a convivência de todos.

### 3.2 PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA

Partindo do pressuposto que a escola é um lugar de embates sociais, em relação às crianças não seria diferente, pois nossas escolas vivenciam diariamente essas diferenças de caráter e de formação cultural, assim como os profissionais que nela trabalham. Os jovens alunos dos dias de hoje vem

impregnados de sua cultura local e social, onde os valores são outros e atitudes diferentes de outras épocas, ou mais precisamente da época em que seus professores foram educados e alfabetizados, logo essa diferença causa uma estranheza e um conflito muito grande diariamente no chão da escola.

A instituição família nos dias de hoje vem sofrendo frente às transformações culturais que a sociedade contemporânea apresenta. Ouvimos pais dizendo não saber o que fazer com seus filhos quanto à educação e quanto ao pedagógico.

A escola deve ser considerada como uma instituição social, com o papel de propiciar instrumentos necessários para a aquisição do conhecimento, possibilitando que o indivíduo passe do saber espontâneo, ao saber sistematizado, construindo uma conexão entre ambos.

Para Heidrich (2009):

[...] a escola foi criada para servir à sociedade. Por isso ela tem a obrigação de prestar conta de seu trabalho, explicar o que faz e como conduz a aprendizagem das crianças e criar mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar dos filhos (HEIDRICH, 2009, p. 25).

Ainda que a escola não seja a única que educa, Saviani (2005) aponta que:

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos, e de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esses objetivos (SAVIANI, 2005, p. 13).

Ainda conforme Tiba (1996, p. 121), “cada aluno traz dentro de si sua própria dinâmica familiar, isto é, seus próprios valores (em relação a comportamento, disciplina, limites, autoridades, etc.)”. O autor citado ressalta ainda que cada um tem suas características psicológicas pessoais.

Segundo Nérici (1981, p. 273) cabe à escola “promover a integração no tempo e no espaço, de toda a comunidade, através do estudo e comemoração de sua história, bem como através do estudo apurado da atual realidade”.

Além de fornecer modelos comportamentais, fontes de conhecimento e de ajuda para o alcance da independência emocional da família, a

escola também passa a ser o local para a formação do ser social e para o desenvolvimento do processo de transmissão-assimilação do conhecimento – que pode ser utilizado pelo aluno em seu meio de sociabilidade como instrumento de sua prática (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p. 1).

Libâneo (2002) coloca que as práticas educativas é que, verdadeiramente, podem determinar as ações da escola e seu comprometimento social com a transformação. E o professor é fonte de informação, dentre outras tantas que estão discutidas atualmente, é também transmissor de ideologia e o seu papel na sociedade é fundamental.

“Se a importância da escola é tão grande na educação dos nossos filhos, convém aos pais cercar de todo o carinho não somente a escolha do colégio, mais ainda as relações entre a família, o diretor e os professores” (WEIL, 1960, p. 43). Reconhecer a importância da escola é fundamental, pois ajuda na adaptação de todos os processos de inserção escolar, principalmente na educação infantil.

Dialogar com uma criança e um adolescente não significa abdicar da autoridade: significa instaurar um pensar crítico; mostrar sensibilidade e abertura para compreender o outro; ter confiança na sua capacidade de compreensão; estar disponível para criar novas soluções; considerar os fundamentos éticos da educação; transmitir o conhecimento e a interpretação do mundo (SZYMANSKI, 2009, p. 35).

Segundo Dias (1993),

[...] a escola é um sistema complexo de comportamentos humanos organizados de modo a responder a certas funções no seio da estrutura social graças a currículos, a diplomas diversos, a uma excessiva centração na avaliação somativa e à criação de estruturas promotoras da diferenciação (DIAS, 1993, p. 90).

Contudo, a escola tem sua importância e sua função social, que deve saber que as pessoas têm diferentes saberes, pois são de famílias diferentes. É fundamental que o educador compreenda que as pessoas são singulares, assim a escola pode trabalhar melhor com essa criança.

A escola e a família devem compreender que a criança não precisa preencher os nossos sonhos, mas os seus próprios sonhos e desejos. Então

precisamos compreender que devemos compartilhar a vida com as pessoas, respeitando cada um como ser único e em constante aprendizado.

Assim sendo, a família e a escola podem ser instituições parceiras no desenvolvimento da autoestima, com tarefas complementares, apesar de distintas em seus objetivos, a família deve dar estrutura para a criança, através da convivência do dia a dia, dando carinho, mostrando como é a vida, contando histórias, indicando os caminhos, dando suporte de como ela deve reagir diante de cada situação. A convivência da família é onde se constrói o significado de seu sobrenome, sendo cada família peculiar com suas individualidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer da pesquisa pode-se perceber que a família é a pedra basilar na formação do indivíduo, transmitindo a ele os valores necessários para uma vida em sociedade além de laços afetivos, estrutura psicológica, transmissão de cultura e fornecimento de estrutura material. A família é quem contribui para que o sujeito apresente potencial para enfrentar os desafios da vida.

Porém, não cabe apenas a família este papel. A escola, enquanto instituição educadora, deve contribuir para este fim. É na escola que os conhecimentos sistematizados pela sociedade vão ser transmitidos à criança para que sua formação seja completa, para que possa se desenvolver plenamente e se inserir na sociedade de forma produtiva. Um bom relacionamento entre a família e a escola tende a fazer da educação da criança algo promissor.

No entanto, as mudanças culturais ocorridas no âmbito familiar empurraram para a escola o papel da família, sobrecarregando suas funções. Os pais se distanciaram da escola devido aos seus papéis e contribuem cada dia menos para a educação dos filhos. A escola não deve ser considerada uma extensão da casa no sentido de educar os filhos ou servir de depósito de crianças enquanto os pais trabalham.

Os estudiosos pesquisados concordam entre si quando dizem que a escola é uma instituição criada para servir a sociedade e deve proporcionar os instrumentos necessários para que o conhecimento historicamente adquirido



pela humanidade possa ser transmitido à criança. Ela tem a obrigação de prestar contas à família do seu trabalho. Porém a família tem o dever de acompanhar a vida escolar dos filhos, através de estratégias formuladas por ambos para que isso aconteça.

Nunca é demais ressaltar que o ambiente familiar e escolar são distintos, porém imprescindíveis para a aprendizagem humana e podem servir de propulsores ou inibidores de suas potencialidades. Portanto, caminhar juntos, com boas relações e diálogo pode evitar conflitos nas comunicações e melhorar os padrões de convívio entre ambos.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M. **Breve descrição sobre processos grupais**. In: Comum - Rio de Janeiro - v.7 - nº 19 - 2002.

BIROLI, F. **Família: novos conceitos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva. 1993.

\_\_\_\_\_. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília – DF, 1988. Disponível em: <file:///C:/Users/AdeliFacci/Downloads/constituicao\_federal\_35ed.pdf>. Acessado em: jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília – DF, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acessado em: jul. 2016.

CASTRO, C. A. P. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 2000.

D'INCAO, M. Â. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2000.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos do desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

DIAS, J. C. **A problemática da relação família/escola e a criança com necessidades educativas especiais**. Disponível em: <<http://goo.gl/t6nXDL>>. Acesso em: 9. jul. 2016

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GALLO, A. E.; ALENCAR, J. S. A. **Psicologia do Desenvolvimento da Criança**. Maringá, Unicesumar, 2015.

HEIDRICH, G. O direito de aprender. **Revista Nova Escola / Guia do Ensino Fundamental de 9 anos**, n. 225, São Paulo: Abril, 2009. Disponível em: <<http://gestaoescolar.org.br/comunidade/escola-familia-493363.shtml>>. Acessado em: mai. 2016.

LACAN, J. **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

MORAES, M. C. **Paradigma Educacional Emergente**. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 1997.

NÉRICI, I. G. **Introdução à supervisão escolar**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1981.

NOBRE, L. F. **Terapia Familiar: uma visão sistêmica**. In, Py. L. A. et all. Grupo sobre grupo. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

NORONHA, M. M. S. **A evolução do conceito de família**. Nova Andradina: FACINAN, s.d.

REIS, L. P. C. **A participação da família no contexto escolar**. Salvador. 2010. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/MONOGRAFIA-LILIANI-PEREIRA-COSTA-DOS-REIS.pdf>>. Acessado em: 16. jun. 2016.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9ª Ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SADOVNIK, S.; ECCO, I.; NOGARO, A. **A interrelação família-escola na formação de filhos/alunos**. In: PERSPECTIVA, Erechim. v.37, n.140, p. 83-92, dezembro/2013. Disponível em: <[http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140\\_375.pdf](http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_375.pdf)>. acessado em: jul. 2016.

SOUSA, A. P.; JOSÉ FILHO, M. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Ibero-americana de Educação**, n. 44/47, Jan/2008.

SOUSA, J. P. **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança**. Fortaleza: INESC, 2012.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola:** desafios e perspectivas. Brasília: Líder Livro, 2009.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo: Gente, 1996.

VALLE, T.G.M. **Aprendizagem e desenvolvimento humano:** avaliações e intervenções. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

WEIL, P.. **A criança, o lar e a escola:** guia prático das relações humanas e psicologia para pais e professores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.